

Contribuinte n.º 502265094  
 Depósito legal n.º 45458/91  
 Registo ERC n.º 114410  
**Conselho de Administração**  
 Presidente: Angelo Paupério  
 Vogais: António Lobo Xavier,  
 Cláudia Azevedo, Cristina Soares,  
 Luís Filipe Reis, Miguel Almeida,  
 Pedro Nunes Pedro  
 E-mail: publico@publico.pt Lisboa  
 Rua de Viriato, 13 - 1069-315 Lisboa.  
 Telef.: 21011000 (PPCA); Fax: Dir.

Empresa 21011015; Dir. Editorial  
 21011006; Agenda 21011007;  
 Redacção 21011008; Publicidade  
 21011013/21011014 Porto Praça  
 do Coronel Pacheco, n.º 2, 4050-453  
 Porto; Telef.: 226151000 (PPCA) /  
 226103214; Fax: Redacção 226151099 /  
 226102213; Publicidade, Distribuição  
 226151011 Madeira Telef.: 934250100;  
 Fax: 707100049 Proprietário  
 PÚBLICO, Comunicação Social, SA.  
 Sede: Lugar do Espido, Via Norte,

Maia, Capital Social €50.000,00  
 Detentor de mais de 10% do capital:  
 Sonae Telecom, BV Impressão  
 Unipress, Travessa de Anselmo  
 Braancamp, 220, 4410-350 Arcos de  
 Valadares; Telef.: 227537030;  
 Imprejournal - Sociedade de  
 Impressão, SA, Quinta Velha, Santo  
 António do Tojal, Estrada Nacional  
 n.º 115 ao km 80, 2660-161 Loures.  
 Telef.: 210129700 Distribuição  
 Logista Portugal - Distribuição

de Publicações, SA, Lisboa: Telef.:  
 219267800; Fax: 219267866; Porto:  
 Telef.: 227169600/A; Fax: 227162123;  
 Algarve: Telef.: 289363380; Fax:  
 289363388; Coimbra: Telef.:  
 239980350; Fax: 239983605.  
**Assinaturas** 808200095  
 Tiragem média total de Janeiro  
 49.233 exemplares  
**Membro da APCT - Associação  
 Portuguesa do Controlo de  
 Tiragem**

**Bartoon**

**Luis Afonso**

**A dor de corno**



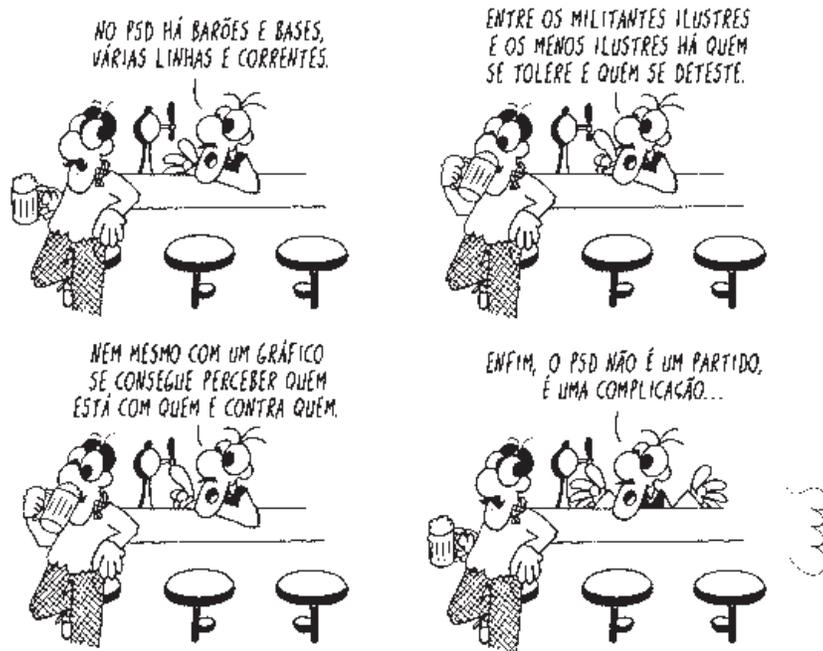
**Miguel Esteves Cardoso Ainda ontem**

Os palavrões são libertadores mas também podem ser instrumentos de precisão. No PÚBLICO de antontem, Ana Brito citou Henrique Granadeiro: “Sem papas na língua, o *chairman* da PT disse à revista *Visão* sentir-se ‘encarnado’ por Rui Pedro Soares e Fernando Soares Carneiro.”

Saúdo Henrique Granadeiro e o verbo tão bem usado. É raro os presidentes falarem português em público. É anti-homofóbico e antimachista que um heterossexual português diga que se sente encornado por dois outros homens. Boa! Muita gente importante “desabafa”, como se já não aguentasse mais os anos de mentiras e ofuscações. Desconfio sempre dos desabafos. Distraio-me a perguntar como é que se deixaram abafar durante tanto tempo.

Também o “sem papas na língua” está certo. É feito usado como eufemismo de “desbragadamente”. A expressão é aprovativa. Não é bom ter papas na língua. Não se consegue falar com clareza. Não se percebe o que diz uma boca cheia de Cerelec desnatado de sentido.

Ao não sentir-se “traído”, Granadeiro não foi o grande chefe do costume, que toda a arraia-miúda, por muito anónima que seja, pode tirar. Para se ser encornado (ou nos sentirmos encornados), é preciso termos gostado de quem nos encornou e termos acreditado que não nos encornariam. Ser encornado vai além da desilusão. Substitui uma fé boa por uma notícia má. Nunca mais se acredita em quem nos encorna. Mas ficam saudades de quando se acreditou. E é aí que está a tristeza. Sobretudo quando depois se fazem as pazes.



Nesta súbita aceleração da história produziu-se um resultado de que o livro *Ensaio de Economia Impura* é beneficiário

**A teoria económica é, afinal, uma construção frágil**

O livro *Ensaio de Economia Impura*, que agora se reedita [ed. Almedina, de Coimbra], apareceu pela primeira vez em público em Julho de 2007. O tempo passado é escasso, mas a verdade é que aquela data me parece já bem mais distante do que o que resulta do tempo cronológico. De facto, o contexto em que, então, entendi esta publicação, era sobretudo o de uma discussão intelectual dentro da economia, enquanto disciplina. Ora, durante esta súbita aceleração da história em que estamos profundamente mergulhados, produziu-se um resultado de monta de que o livro é beneficiário: as questões mais essenciais da economia invadiram a praça pública, deixaram de estar tão confinadas a redutos académicos, foram postas e puseram-se em questão. Assisti-se a revisões radicais do que se supunha normalizado e até natural. A economia laicizou-se, publicizou-se. A dimensão prescritiva, calculista, finalista que faz a sua popularidade e suscita algum fascínio entre o público não especializado - que vê a economia como critério e argumento final para justificar decisões e definir comportamentos - perdeu significado perante as imensas falhas que originou.



**José Reis**

**Na razão mais profunda da crise estão as convicções que se impuseram sobre o papel e o lugar que cabem ao mercado nas sociedades de hoje**

Não me parece exagerado dizer que entre os temas que a crise pôs em primeiro plano estão certamente as relações da economia com os valores, a confiança, a subordinação do económico a padrões morais, a não redução da vida ao mercado. Também se percebeu, com dramática clareza, que a teoria económica que se arroga clarividente, dona de respostas sempre prontas para muitos aspectos da vida - mesmo aqueles em que se torna óbvio que não tem nada a dizer -, é afinal uma construção frágil, recorrentemente desafiada pela renovada complexidade da realidade, que com grande agilidade lhe evidencia os limites e as falhas.

Seria preciso eclodir uma crise tão dramática como aquela que decorre para que isto acontecesse? Seria preciso que a produção de desigualdades, a fortíssima inversão dos padrões de repartição do rendimento, o desapossamento da esperança de gerações inteiras se tivessem disseminado pelo mundo para que, enfim, se rediscutisse na praça pública a economia, o saber económico e o poder económico? Certamente que não. Poderíamos aí ter chegado apenas através de um escrutínio crítico mais profundo. Poderíamos aí ter chegado se a academia onde se ensina economia fosse mais aberta, mais plural, mais crítica e, portanto, mais conhecedora. Também poderíamos aí ter chegado se a vida pública estivesse menos dependente de formas de pensamento monistas, e cultivasse a contraposição e o debate.

É aqui que este livro reencontra o seu lugar, ao propor uma concepção larga da problemática económica. Por estas e outras razões compreendemos hoje melhor que a teoria económica dominante se conta entre os responsáveis pela crise dramática que atingiu as economias capitalistas. Não foram apenas excessos, erros ou defeitos que desmoronaram o sistema bancário e financeiro, com profundas implicações na sociedade e na vida das pessoas (de umas muito mais do que de outras). Na razão mais profunda da crise estão as convicções que se impuseram sobre o papel e o lugar que cabem ao mercado nas sociedades de hoje. O mercado como instrumento de optimização da sociedade foi uma ideia a que não resistiram mesmo alguns dos que se presumem interessados na justiça social. Mas estes estavam enganados. Ao acomodarem-se a visões quase tão liberais como a dos liberais pensaram que podiam ser eles a fazer da regulação dos mercados um instrumento sofisticado, com que, de maneira subserviente e cerimoniosa, iam aperfeiçoar o capitalismo, que queriam entender como um sistema de concorrência que nada desafiava. Mas não foi assim.

Por isso, os desafios estão aí. Desafios ao Estado, para que não seja apenas o bombeiro que salva acidentes e socializa prejuízos. Desafios ao mercado, para que se limite ao que é próprio da capacidade de iniciativa - gerar lucros através do exercício da liberdade para criar riqueza e não da submissão à lógica especulativa de todas as esferas da vida em sociedade, incluindo aquilo que, como a educação, a saúde, as poupanças, o bem-estar futuro das pessoas, só a esfera pública pode colocar num contexto onde impere a justiça. São, pois, claras as fronteiras entre o que deve ser próprio da provisão pública e o que é próprio da iniciativa privada. Mas a arbitragem só pode ser feita por um intenso escrutínio colectivo.

Os frutos da controvérsia e da persistência intelectual acabam sempre por chegar e, em geral, eles são benefícios colectivos. O Prémio Nobel da Economia foi atribuído em 2009 a Elinor Ostrom, da Universidade da Indiana, e a Oliver E. Williamson, da Universidade da Califórnia, Berkeley. São personalidades e perspectivas muito diferentes. Mas têm um forte ponto em comum: interessam-se, numa aceção larga, pelas instituições e pelo modo como os comportamentos e as organizações alternativas ao mercado se tornam relevantes no mundo contemporâneo. Além disso, Elinor Ostrom é uma cientista política, o que bem sublinha como devemos saber atravessar as fronteiras disciplinares instituídas. Trata-se, pois, da consagração de dois pontos de vista com que, ao publicar este livro, me sinto muito comprometido: o ponto de vista da abertura e do pluralismo disciplinar e o da compreensão da dimensão institucionalista da economia. Eis a feliz e mais recente nota de actualidade que posso acrescentar a esta nova edição dos *Ensaio de Economia Impura*. Prof. catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; investigador do Centro de Estudos Sociais